

Evasão maior entre meninas

Os motivos dos jovens abandonarem os bancos escolares são muitos. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), 10% das adolescentes no DF, com idades entre 15 e 19 anos, já ficaram grávidas pelo menos uma vez. Pesquisa da Organização das Nações Unidas (ONU) revela que 56% dos jovens, entre 15 e 17 anos, que abandonaram a escola, são meninas.

O presidente da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo), Nilson de Melo, acredita que o cerne do problema está na falta de planejamento familiar e na ausência de políticas públicas eficazes para orientar os jovens.

O DF tem os melhores índices de educação do País, porém, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ainda existem cerca de seis mil jovens, entre 7 e 14 anos, que estão fora da

escola. Já um levantamento feito pelo GDF aponta que o total de seis mil crianças longe dos bancos escolares se refere à faixa etária entre 4 e 5 anos, para a qual o ensino não é obrigatório. Ainda que os números não batam, o secretário de Educação, José Luiz Valente, garantiu, em sua explanação no fórum, que a educação ocupa lugar prioritário nas políticas de governo.

O secretário afirma que o déficit escolar está concentrado em áreas de baixa renda, onde a população chegou antes dos equipamentos públicos, como escolas e hospitais. "A maior demanda por Educação Infantil são as áreas de invasões. A partir desse diagnóstico, o governo traçou duas soluções: frear as ocupações irregulares e priorizar os investimentos em Educação", destacou.

A dúvida que pairou no ar entre os participantes do fórum foi sobre a primeira tentativa de aplicação do

programa de Educação Integral na época da redemocratização do País, na década de 1980. Os Centros Integrados de Educação Pública (Cieps) foram idealizados pelo então secretário de Educação do Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro, na gestão do governador Leonel Brizola. Foi feito um alto investimento na infra-estrutura dos prédios, mas o governo não conseguiu arcar com os custos de manutenção das novas atividades nas instituições.

"O foco da aplicação de recursos foi na estrutura física e não resolveu os problemas que eram prioridade para o desenvolvimento da educação. As experiências de outros locais também não desabrocharam porque faltou metodologia diferenciada para lidar com as diferenças regionais", observou José Luiz Valente. "Houve um problema político-pedagógico. Só construir prédios não faz educação", opinou Paulo Mostardeiro.